

*MEDITAR COM  
JACQUES LOEW*



Em parte: Parole et Prière - 88  
Octobre 2017

## Apresentação

Neste caderno encontram-se alguns escritos relevantes do nosso fundador Jacques Loew (1908-1999). Ele fundou a MOPP (Missão Operária São Pedro e São Paulo) e a Escola da fé (Fribourg - Suíça).

Os extratos são tirados dos livros: “Procurei na escuridão”, “Como se visse o Invisível” e “Meu Deus em quem confio”. Para cada dia, dum mês de 31 dias, encontram-se breves extratos.

Depois temos algumas datas significativas de Jacques e enfim algumas etapas principais com seus atores da presença da MOPP no Brasil. Dos anos 1963 até nossos dias.

Na sua linguagem de descrição com imagens expressivas que nós conhecemos dele, Jacques escreve numa nota inédita (dia da Anunciação do Senhor do ano 1997): “Pedalar no vazio humano e no vazio aparente de Deus, que não se deixa apanhar. Crer é continuar a pedalar sem engatar em nada, a não ser em Deus. Ele que, para além de nossas impressões e das nossas imaginações, só pode ser puro amor, ou então não existe”!

Sempre **Crer** foi a pedra de tropeço na vida de Jacques, um combate, um desafio (Cf. Meu Deus em quem confio!).

Solenidade de Nossa Senhora Aparecida - 2018  
Jomar

## *1º dia - O instante presente*

Deus é puro amor, e este Amor, desde que se dirija a um outro que não Ele, é criador deste outro, ou de qualquer coisa neste outro. Recusar o que Deus faz ou cria, é recusar o mesmo Deus.

O amor de Deus é para nós um amor criador. O que o nosso pai e a nossa mãe fizeram na fração de segundo em que nos deram a vida, Deus fá-lo a cada instante em relação a cada criatura, ao longo de toda a sua existência. Eu não existo no momento presente senão porque Deus me faz participar da sua existência, e o seu amor se traduz no que me é proposto: cada momento é uma criação de Deus que se continua.

Quando o segredo do instante presente se nos tornar familiar, nada mais poderá aborrecer-nos, nem mesmo o tédio, nada mais nos perturbará, nem mesmo a nossa miséria. As conseqüências das minhas faltas, por dolorosas que sejam.

Como se visse o Invisível  
*O elo entre a contemplação e a ação: o instante presente*  
Paulinas - 1980 - p. 111

## 2º dia - *Escutar*

Assim, muitos cristãos buscam sinceramente a Deus, mas, a bem dizer, nunca o escutam. Fabricam-se, então, um Deus à imagem de sua idéia, e muito depressa lhes demonstra a vida que a idéia podia ser melhor. Recomeçam, às vezes, ou às vezes desanimam e desistem. Não se indagam, todavia, se, apesar de tudo, Deus mesmo não disse *quem* era, se não falou Ele mesmo, se não é Ele seu próprio testemunho. [...]

Desejam, de fato, estamos vendo, alcançar Deus, com suas próprias forças, elevarem-se até Ele, mas percebemos a confusão resultante. Não se acha Deus construindo, por si mesmo, uma Igreja, uma religião, na qual a gente se instalasse em seguida para ali tratar com Ele.

Porque a Deus se encontra dizendo como o pequeno Samuel no Templo judeu de outrora:

“Fala, Senhor, teu servo te ouve”.

Procurei na escuridão  
*Confidências duma experiência vivida*  
Paulinas - 1971 - p. 8-9

Nada de pressa. Não digam facilmente: “É evidente”. Porque a maior parte das idéias falsas que se tem acerca de Deus provém de termos esquecido alguns aspectos inseparáveis: o *Altíssimo* é o *Todo Próximo*...

Quando se reduz o mero distribuidor de favores - bom negócio com minha vaca doente, ou meu carro arrebitado, aprovação do aluno vadio... - é porque se olvidou que Ele espera mais que orações interesseiras ou velas de circunstância.

E quando não se reza mais e se sai contando que “Deus esqueceu”, que Ele “não ajuda mais” e, “afinal que Lhe interessa isto?” - é que não se compreende um Deus tão íntimo e todo presente. Os dois aspectos de Deus fazem um apenas, porquanto impossível ser Ele tão íntimo de cada um se não fosse infinitamente grande: Aquele que conta cada segundo os grãos de areia do mar, como não poderia esquecer?

Procurei na escuridão  
*Reflitam então*  
Paulinas - 1971 - p. 14

## 4º dia - Os três caminhos

Quando deparamos um caminho,  
falta ainda segui-lo.

Quando um livro nos é oferecido,  
é preciso ainda lê-lo.

Quando o amigo fala,  
falta ainda escutá-lo...

Ora, Deus a nós se dirige constantemente como um caminho, um livro, amigo.

O caminho que a ele conduz é a *Natureza*.

O livro que dele fala é a *Bíblia*.

O Amigo que nos confia na intimidade, coração a coração, é o *próprio Deus*.

*Não encontraremos Deus* como a aranha que tira de si mesma com que urdir a teia.

*Não encontraremos Deus* como a formiga que enceleira tudo que vai achando, não importa o que seja, nem como.

*Encontraremos Deus* como a abelha, de flor em flor, e colhendo o néctar melhor.

Procurei na escuridão  
*Três caminhos para Deus*  
Paulinas - 1971 - p. 16

*5º dia - A visão da fé*

*Eu vos farei conhecer  
os segredos de meu Pai.*

Esta nova luz, - sabedoria da fé - dilata infinitamente nosso conhecimento, já através da visão do mundo, minha inteligência preparava-me para um prodigioso olhar: a certeza da existência de um Ser, fonte de todo ser, para além de todo ser. Nada me ensina, porém, acerca do que Deus é em si mesmo. Agora, pela fé, tudo quanto minha inteligência me ensinará transfigura-se diante do que Deus me revela dEle.

[...] Minha inteligência não abdica, não se “destrói”, mas simplesmente deixa-se iluminar por uma luz diferente. Deus, então, enxerta em meu olhar de homem “um princípio de olhar novo, conforme o seu. Dá-nos olhos novos, os olhos da fé, olhos que vêem e que iluminam, olhos que iluminam o que olham e que também tudo vêem à luz de Deus” (Yves Congar).

Meu Deus em quem confio  
*A “Sabedoria”, mais preciosa do que a neve*  
Paulinas - 1986 - p. 139

## 6º dia - *Ser pequenino*

Ser humilde, reconhecer-se “pequenino”, porque tal é, diante de Deus, a única atitude lógica.

Suplicar que essa evidência - Deus-Pai - ilumine a minha vida.

Ser pobre, renunciar às riquezas e aos seus próprios direitos.

Dessa forma se chega a criar, pouco a pouco, intimidade com Deus: já não será Ele um estranho, um distante desconhecido. Estabelecem-se ligações de infância, diálogo com alguém que eu compreendo e que me compreende.

Descubro, então, aos poucos, que esse Deus não olha a “casca” de meus atos, mas o motivo interior que me impeliu.

*Ser pequenino diante de Deus é rezar.*

*Ser pequenino e rezar, andam forçosamente juntos.*

Se você se faz pequeno diante de Deus, se o deseja ao menos, - porque o dia em que o tentar verdadeiramente verá como é terrivelmente difícil - então pode orar.

Procurei na escuridão

*Ser “pequenino”*

Paulinas - 1971 - p. 45-46

Maria,  
ainda não me referi a vós até agora.  
Estáveis ausente? Fostes esquecida?  
Mas... como “a mãe de meu Senhor”  
- conforme dizia vossa velha prima Isabel -  
poderia estar ausente de minha vida?

Antes de tudo, quero esclarecer  
uma pequena questão de etiqueta.

Não me acanha o dizer *tu* a Deus:  
ele está tão grandemente acima de qualquer  
denominação pessoal,  
que só o silêncio o exprime.  
Mas a vós, Maria , não consigo  
chamar-vos de *tu*.  
Por quê? Não sei.  
Mas um *vós* repleto de todas as ternuras humanas,  
Rico de toda a minha admiração.

Gosto de contemplar-vos  
em vossa humanidade cotidiana,  
moças e mulher, desconhecida por todos,  
mãe atenta, esposa dedicada [...].

Meu Deus em quem confio  
“*Minha é a Mãe de Deus*”  
Paulinas - 1986 - p. 161

## *8º dia - A equipe*

A equipe, a comunidade, não são, antes de mais, organismos jurídicos, mas um laboratório em que se fabrica a unidade pela caridade. De igual modo, a missa, a meditação que a precede, a ação de graças que se lhe segue e ainda todo o esforço que vai desenvolver-se durante o dia constituem um bloco sem fendas: [...]

“A equipe é um parto terrível: tornamo-nos animados pelo próprio Espírito Santo. É a orientação para o outro para estarmos com ele. Encarregamo-nos mutuamente uns dos outros de maneira que a equipe inteira seja responsável do que falta a cada um. Temos de assumir-nos uns aos outros tais quais somos: “Quem está triste sem que eu esteja triste com ele?”. Isso se aprende na pequena equipe: é necessário imitar Cristo na construção da unidade. É isso que o Senhor quer de nós e isso é impossível ao homem sem ele.

Como se visse o Invisível  
*O laboratório da unidade*  
Paulinas - 1980 - p. 137-138

## 9º dia - *Guia de marcha*

“Se eu falar as línguas dos homens e dos anjos, mas não tiver caridade, sou como o bronze que ressoa ou como o címbalo que retine...” (1Cor 13, 1). Este hino à caridade pode ser lido, sem o trair, substituindo o eu de são Paulo pela equipe, porque nela se prende a caridade. Este texto tão inflamado e simultaneamente tão prático torna-se então um guia incomparável para aqueles que escolheram esta forma de vida apostólica: “Se a equipe falasse as línguas dos homens e dos anjos” (e nós vemos tudo o que isso significaria na liturgia, na mentalidade e nas conversas), “mas não tivesse a caridade, não seria mais que o bronze que ressoa ou o címbalo que retine” (não valeria mais que os sinos que tocam em vão e não congregam ninguém).

Devemos parafrasear assim todo este texto de são Paulo; tudo ali se encontra: a catequese, os sermões inflamados, a dedicação absoluta aos outros, o estilo de vida pobre, tudo isso de nada servirá para o apostolado se a equipe não estiver enraizada na caridade.

Como se visse o Invisível  
*A carta da equipe*  
Paulinas - 1980 - p. 147-148

## 10º dia - *A com-união*

“Meu Reino, disse Jesus, é semelhante a uma sementezinha plantada no solo... Para que cresça, deve aceitar morrer na terra. Mas depois torna-se árvore de porte e as aves do céu vêm abrigar-se em seus ramos”.

A semente é o próprio Jesus, e sua morte na cruz foi o nascimento da Igreja. Toda a vida de Deus passa doravante à Igreja, como o grão faz passar toda sua vitalidade à árvore imensa que dele nasce e é uma com ele.

Árvore e semente não fazem dois, mas um: assim os cristãos são um com Jesus.

Uma semente contém em germe toda a árvore: Jesus se completa com os cristãos.

Sobre esse tronco magnífico, no entanto, os passantes estúpidos deixam suas marcas, e não costumam ser belas! [...] Entretanto, sob casca machucada, a seiva corre robusta.

Procurei na escuridão  
*A Igreja como obstáculo e caminho*  
Paulinas - 1971 - p. 61

Refletir em Deus, crer que Deus falou, amar a Deus que me ama, são como que três degraus, ou melhor, três escadas, e até mesmo três escadas “rolantes”, capazes de subir ao infinito. Três escadas pelas quais, eu, homem tenho de subir até Ele.

Mas não é Deus o Inacessível, o Além de tudo? Sim, mas é também o Amor: ele mesmo dar-nos-á, ele mesmo inventará, se assim ousar dizer, semelhante à escada de Jacó que “descia em direção à terra e seu topo atingia o céu”, a Verdadeira Escada que desce até nós, para nos levar a ele: Jesus Cristo. No livro do Gênesis que nos conta este sonho de Jacó, lemos o ponto culminante do evento:

“E eis que o próprio Todo-Poderoso *desceu* e ficou de pé diante dele”.

Meu Deus em quem confio  
A “*Sabedoria*”  
Paulinas - 1986 - p. 137

Mãe, a Igreja gerou-me para Cristo. É ela que me dá sua Palavra. Jesus, antes de deixar a terra, não nos legou livro nem código, nem catecismo, mas uma Igreja na qual nasceram os Evangelhos e que, inspirada pelo Espírito de Cristo, selecionou, de uma coleção de documentos, os escritores do futuro Novo Testamento. É ela que hoje me diz: “Toma e lê...” E foi em seu seio que o Símbolo dos Apóstolos, o autêntico resumo de minha fé, tomou corpo. [...]

Ainda mais Mãe, a Igreja dá-me vida, através dos sacramentos de Cristo: os gestos que Jesus realizou durante sua vida terrestre foram confiados a ela. Através dela chegam até mim: alimentam-me, curam-me, restabelecem-me na amizade de Deus, unem-me aos outros. Mãe, ela o é, minha Igreja e mãe de filhos incontáveis! Quanto mais aceito e entro em sua maternidade, melhor se realiza o meu nascimento nunca terminado em Cristo, e mais me torno, para mim, e para os outros, a Igreja.

Meu Deus em quem confio  
*Amor e comunhão: a Igreja*  
Paulinas - 1986 - p. 159

*13º dia - A Trindade*

Mas este Filho, Luz da luz,  
gerado, igual ao Pai,  
é todo olhar na direção dele.  
O Pai dá-lhe tudo, quer dizer, ele mesmo,  
e o olha com infinita complacência.  
E ele, Filho torna a dar-se totalmente ao Pai...  
ele, a imagem única e absoluta  
voltada para o Pai.

Fruto destes dois olhares,  
chama infinita de alegria divina,  
provinda do Pai através do Filho.  
Amor, Fonte viva, Fogo,  
o Espírito Santo.  
Deus como o Pai, igual ao Pai,  
Deus como o Filho, igual ao Filho,  
a plenitude do intercâmbio eterno,  
fluxo e refluxo, nos Três, o Amor  
que se dá, recolhido e de novo dado.  
Pai, Filho, Espírito Santo, nestes Três,  
um amor Uno.  
O único amor, o Amor.  
Uma comunicação e uma comunhão tão absolutas  
que os Três formam um só pensamento  
e um só amor  
sem começo nem fim.

Meu Deus em quem confio  
*Pai, Filho, Espírito Santo*  
Paulinas - 1986 - p. 171-172

14<sup>o</sup> dia - Mãe de Deus

“Mãe de Deus”, três palavras apenas,  
mas para contemplá-las,  
todas as horas de silêncio me seriam poucas.  
Como estas plantas do deserto  
que esperam dias, anos talvez,  
por uma chuva germinar,  
precisamos repeti-las,  
até que vosso filho as fecunde em nós.  
Todos os tempos se enchem de espanto!  
“Aquele que o cosmo canta e não pode conter,  
em vosso seio, está presente”,  
“Virgem mãe, filha do vosso filho,  
humilde e exaltada mais do que qualquer  
outra criatura”.

Que direi ainda?  
Direi o que, para mim, é soberanamente essencial:  
“Mulher, eis teu filho, Filho, eis tua mãe”,  
estas últimas palavras que Jesus me diz na cruz,  
a mim, são hoje repetidas.  
Já realizadas no momento da Anunciação.  
Maria, teríeis acaso, pressentido,  
vós, alimentada pelas Escrituras,  
que “o Filho do Altíssimo”, “o Filho de Deus”,  
aquele cujo “reino não terá fim”  
estava a este ponto vinculado à humanidade?

Meu Deus em quem confio  
“Minha é a Mãe de Deus”  
Paulinas - 1986 - p. 162-163

## *Oração*

Meu Deus, meu Deus,  
afinal, quem és Tu?  
Através destas páginas  
que somente de Ti cogitam,  
como a todos que de Ti falaram,  
não me restam na mão  
senão algumas gotas de orvalho...

Umás poucas gotas de orvalho  
poderão estancar  
a sede da humanidade?

Meu Deus, meu Deus,  
quando de Ti eu digo  
que és o Imenso,  
e Todo-Outro, o Todo-Poderoso,  
estas palavras, a Ti aplicadas,  
parecem cascas de noz vazias...  
Ajudam-me, porém, a ajoelhar-me  
em silêncio, a adorar-Te.

E quando digo de Ti  
que és o Todo-Próximo,  
mais presente  
que meu próprio nome,  
então, meu Deus, percebo que a realidade,  
também neste ponto, ultrapassa infinitamente  
a ficção das palavras.

Meu Deus, a Ti chamei o “Fogo”,  
vem a mim, abrasar-me, amar-me.  
E Tu és também o “Vento!:  
possa arrebatá-me, penetrar-me, dominar-me,  
que jamais eu diga: “Basta”.

És a montanha,  
santa, separada, inatingível,  
e Tu o pastor  
a buscar sem descanso a ovelha desgarrada.

Tu és, meu Deus, eu o sei,  
Tu és o ser mais seguro  
neste mundo,  
sobre o qual,  
não somente um, não mil,  
milhões, porém,  
gerações sem fim,  
se podem apoiar,  
- O que não falhará,  
jamais faltará. (continuação p. 25)

Procurei na escuridão  
*Sim, Tu és o Deus vivo*  
Paulinas - 1971 - p. 29-30

A “missão” me um mistério. Afirmá-lo não é uma banalidade, nem um refúgio para os dias de fracasso. O mistério está inscrito na sua própria natureza: participação do homem na obra de Deus, submissão ao Espírito que “sopra onde quer: ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai...” (Jo 3, 8), é portanto uma marcha forçosamente misteriosa e, no sentido literal, arrasante, por caminhos que não são os nossos: “Os meus caminhos não são os vossos caminhos” (Is 55, 8). É uma álgebra perpétua onde se caminha de desconhecido em desconhecido, uma estranha alquimia em que a salvação surge do exílio; nela, as certezas nascem da provação, a luz da obscuridade.

Como se visse o Invisível  
*O homem da Fé, da Palavra e da Pobreza*  
Paulinas - 1980 - p. 11

Nunca mais será dada uma descrição mais precisa do mistério do apostolado: o apóstolo é aquele que faz profissão de guiar os homens para o invisível. Vê ele próprio melhor que os outros este fim oculto? Diretamente, não. É ele, então, um daqueles guias cegos de que fala o Senhor, que conduz outros cegos em pleno fosso? Menos ainda. Quem é, então?

É o homem da fé: não vê, não sabe, crê. Todo o seu ser está comprometido na confiança absoluta em Deus que não pode “nem enganar-se, nem enganar-nos”, segundo a própria fórmula do ato de fé. Cristo deu-lhe a sua Palavra do Verbo feito carne: “Sei em quem pus a minha confiança” (2Tm 1, 12). Quando se diz do apóstolo que é o homem da Palavra, não é porque ele fala, antes de mais nada, para anunciar a mensagem: é, anteriormente a toda a ação, porque ele comprometeu a sua vida, para ele e para todos os homens, com a Palavra de Deus.

Como se visse o Invisível  
*Fé, palavra e pobreza*  
Paulinas - 1980 - p. 11-12

Rezar é, portanto, uma função imediatamente ligada ao nosso dever missionário. Pouco importante que a nossa oração seja doce ou seca, alegre ou pesada, extensiva ou isolada; é o nosso instrumento, o trépano que cava as profundezas para elas fazer brotar Deus. No corpo místico de Jesus, ligamo-nos à oração dos enclausurados e apoiamo-nos nela, mas temos de remodelar, de reamassar a sua oração na massa dos homens concretos com que nos cruzamos todos os dias: a nossa fábrica, o nosso ateliê, e, a partir dos nossos camaradas, Pedro e Antônio, todos os outros semelhantes a eles, todos os contramestres a partir do contramestre, os patrões... E a nossa rua, o nosso bairro, desde o vizinho de quem nos separam apenas vinte e cinco centímetros de tabique até ao desconhecido que passa... Os noivos que vêm ver-nos, Deus no-los envia para que uma oração direta os impregne.

Uma vez que, para abrir o coração dos outros a Deus, nós compreendemos a necessidade da oração, peçamos, pois, ao Senhor, que faça compreender a todo o nosso ser, inteligência e coração, e por dentro, o lugar primordial desta função na nossa missão apostólica.

Como se visse o Invisível  
*A presença do Senhor*  
Paulinas - 1980 - p. 59

## 18 º dia - *Purificação*

É de importância capital para os apóstolos certificarem-se da necessidade desta purificação: Deus acende em nós uma chama, mas é preciso que ela consuma primeiro o que de mais humano há em nós, as nossas inclinações, a nossa natureza, o nosso pendor. Não que a natureza e o pendor das nossas atitudes sejam maus; Deus escolhe os seus servos e qualifica-os para o seu serviço, mas é necessário que tudo isso desapareça numa alquimia misteriosa até não haver senão como único motivo de ação o apelo de Deus que envia: “In nomine Domini” (a divisa de São Paulo VI).

Enquanto a natureza e a graça coincidem, a ação é agradável e fácil: permanece ainda demasiado humana, e Deus sabe melhor que nós até que ponto os regressos a nós próprios e as nossas complacências a entorpecem.

Como se visse o Invisível  
*O apelo*  
Paulinas - 1980 - p. 25

A Missão exige um longo tempo de lenta assimilação, um tempo muito maior, afinal, que os prazos que antecipadamente nos fixáramos. Antes de *dar*, e de dar o bem mais precioso do universo, aquele que o céu e a terra não podem conter, é preciso receber primeiro, e não só de Deus, o que é evidente, mas também receber do mais pobre a sua mesma pobreza: se não há vontade humilde de ouvir antes de começar a falar, correr-se-á grande risco de pregar as suas idéias a si mesmo, de preferência a Jesus Cristo. “Os pobres serão evangelizados”, é o sinal da missão, mas com a condição de que os evangelizadores saibam ouvir aqueles que evangelizam. Depois disso, poderão transmitir a mensagem.

Como se visse o Invisível  
*O Tempo e os Tempos da missão*  
Paulinas - 1980 - p. 160-161

## 20 º dia - *A comunidade missionária*

A atitude missionária não é monopólio de ninguém, está sempre situada no coração de cada um destes apelos: é própria de todo o batizado, do consagrado, do sacerdote. Em conjunto, eles descobrem a sua diversidade e a sua complementaridade na maneira peculiar a cada um de testemunhar “um único Senhor, uma única fé, um só batismo, um só Deus, Pai de todos, que está acima de todos, atua por meio de todos e se encontra em todos” (Ef 4, 5-6).

A experiência os conduz a uma convicção íntima, a saber: que um dos meios mais eficazes para suscitar a conversão dos homens para Deus no respeito da sua liberdade é a existência de comunidades cristãs em que lares militantes, missionários consagrados, sacerdotes, rezam e trabalham em inteira união e amizade, cada um segundo a graça própria do seu estado e nesta complementaridade que constitui a Igreja.

Como se visse o Invisível  
*Apelos do Senhor*  
Paulinas - 1980 - p. 126

## 21 º dia - Anunciação e Visitação

Bela é esta prece da “Ave Maria” inesgotavelmente simples. Como o véu de Verônica para o rosto de Cristo, este puro tecido do Evangelho foi feito para nossas lágrimas humanas.

À semelhança de uma sinfonia, com seus diversos movimentos e tons, esta oração, abre-se num grande silêncio: o Anjo saúda Maria. Tudo é murmúrio, sopro interior. Prolonga-se numa aclamação radiosa, o ato de fé da prima Isabel: “Bendita és tu entre todas as mulheres, e bendito é o fruto de teu ventre”. Poder-se-ia escutar, caso estivéssemos bem perto.

Sobrevém, então, o imenso rumor que repercutiu através dos séculos, produzido pelas vozes e súplicas da humanidade inteira: “Santa Maria, rogai por nós, pecadores”.

E o silêncio de novo se impõe, porque as palavras finais “Agora e na hora de nossa morte” pertencem a cada um, pessoalmente, convidando à reflexão.

Meu Deus em quem confio  
*Agora, e na hora de nossa morte*  
Paulinas - 1986 - p. 197

## *Oração*

Meu Deus, são tantos hoje os homens,  
a negarem sua miséria,  
aparentando grandezas...  
Por que? - Porque não Te conhecem,  
porque confusamente percebem  
que, se encarassem  
a própria miséria,  
seriam por ela triturados e tragados...

Eu, porém, Deus meu,  
porque sei que és,  
não receio afrontar meu nada,  
porque Tu és maior que ele,  
e se meu coração me condena,  
és maior que meu coração.

Meu Deus, és o Imutável,  
não o Imóvel, mas o Imutável,  
Aquele que não pode mudar  
para tornar-se melhor:  
meu Deus, eis minha inconstância.  
Tu és o Eterno, eu o fragmentado,  
as juntas de nosso tempo  
estalam de todos os lados,  
parece-me,  
na tua presença sem fendas.

Tu és Aquele que é tudo,  
eu quase nada,  
e tudo que possuo, de verdadeiro,  
de claro, de leal,  
és Tu quem, a cada instante,  
cria em mim.  
E Tu podes tudo, bem o sei,  
até mesmo fazer-me grande...

De ninguém dependes  
e és Tu Aquele  
mais imediatamente  
acessível,  
tua porta é sempre aberta.

Deus meu, ternura infinita e viva,  
não uma idéia, mas Alguém!

Procurei na escuridão  
*Sim, Tu és o Deus vivo*  
Paulinas - 1971 - p. 30-32

Fé e pobreza, será preciso escrevê-lo e sublinhá-lo sem cessar, são a resposta própria e eminente adaptada para o tempo de hoje, o remédio verdadeiramente específico para enfrentar e curar a ferida da incredulidade deste meio século.

Pobreza de fato, pobreza de coração, uma única e dupla pobreza - como a caridade - a que não chegaremos senão lentamente, quero dizer pobremente, isto é, pouco a pouco, passo a passo. Não nos despojamos de um golpe, mais podemos tender cada dia para a simplicidade, para o desprendimento, para a confiança em Deus só. “Hoje mais que ontem e menos que amanhã” não é senão uma divisa de apaixonados ou, mais exatamente, é a divisa de todos os apaixonados do mundo, os de Deus e os da santa pobreza.

Como se visse o Invisível  
*Fé, palavra e pobreza*  
Paulinas - 1980 - p. 15

O homem de Deus possui um segredo: Deus revelou-lhe o seu nome: Pai, Filho, Espírito de Amor e, através destas palavras humanas, o homem atinge o íntimo mistério de Deus. Através de palavra que balbucia e que permanecem carregadas de obscuridade, entra em comunicação com cada uma das pessoas divinas: encontra aí a sua alegria íntima, a sua pacificação, não um refúgio, uma evasão, mas o próprio centro, infinitamente calmo, onde tudo se congrega. Se vivesse longe disso, não teria a sua conta, nem se deixasse de ser um amoroso perpétuo do seu amigo-Deus.

É um homem voltado para Jesus Cristo: a grande presença de Deus que “habitou no meio de nós”. O mesmo Deus da criação, o Verbo semelhante ao Pai pôs-se ao nosso alcance, para que a reciprocidade, a comunicação, a comunhão entre Deus e os homens sejam totais. “Ele amou-me, entregou-se por mim” (Gl 2, 20), e, por minha vez, eu dou-lhe a minha vida: dar, não por uma ideologia, mas por um laço de pessoa a pessoa.

Como se visse o Invisível  
*Presença do Senhor*  
Paulinas - 1980 - p. 37

Existe uma outra razão, não já psicológica, mas que se baseia na própria natureza da conversão: uma alma que abandonou a Deus - ou que nunca o conheceu - não pode por si mesma introduzir-se na amizade divina, e Jesus no-lo diz: “Ninguém vem a mim se o meu Pai não o atrair” (Jo 6, 44). A reconversão não é uma obra do homem: só Deus conhece os caminhos que, de dentro, conduzem a Ele, ou, mais verdadeiramente ainda, só Deus pode entrar num coração e fazer aí a sua morada. “Se o Senhor não construir a casa, em vão se sacrifica o pedreiro; se o Senhor não guarda a cidade, em vão a vigia a sentinela” (Sl 127).

Fizemos a experiência mil e uma vezes. Precisamos compreender que a nossa primeira tarefa e a nossa primeira eficácia residem numa súplica constante e instante a Deus para que ele atue no segredo dos corações.

Como se visse o Invisível  
*Uma súplica instante*  
Paulinas - 1980 - p. 56

## 25 º dia - Os retornos a Deus

Ora, viver Cristo é reencontrá-lo nos seus mistérios, a ele e a sua Mãe, e unir-nos sem cessar a todos os episódios da sua vida, uns após outros, fazendo-os desfilar numa meditação que lhes dará mais consistência real que todas as imagens que as publicações ilustradas põem diante de nós. É praticar os “retornos a Deus” que são como um “flash” ao longo dos nossos dias. E é, de igual modo, praticar cegamente o que Jesus chama amar, aplicar como crianças as suas lições sobre o amor as lições pessoais de Jesus, dadas *em seu próprio nome: E eu vos digo...*, ligar em nós, incorporar a nós estas atitudes de obediência a Jesus. Assim, por atitudes precisas - a face esquerda depois da direita, as súplicas ao Pai, o amor aos inimigos - Jesus dará ao nosso coração a forma, o *élan* da própria caridade.

Como se visse o Invisível  
*A presença do Senhor*  
Paulinas - 1980 - p. 41

Como ter acesso a este sentido da pessoa? A oração é a companhia inseparável. Na medida em que nos soubermos amados de Deus e em que nos tivermos redito mil e mil vezes: “Ele amou-me, entregou-se por mim”, extasiando-nos com este fato; nessa medida saberemos fazer oração igualmente sobre a presença de Deus naqueles que, na realidade, nos cercam; pararemos para os contemplar, inexprimivelmente enriquecidos do Cristo morto e ressuscitado por eles, não os julgaremos mais segundo o seu peso puramente humano, mas pelo seu valor divino, e o nosso sentido da pessoa tomará toda a sua força. Só Deus que dá a caridade nos pode fazer ter acesso a isso. Não julguemos que o tempo que nos falta é um obstáculo intransponível. Este obstáculo traz consigo a sua solução: tomando o seu tempo por esta oração prévia, faremos descobrir, pela nossa maneira de acolher, o sentido de pessoa àquele que vem até nós. Esta atitude é comunicativa: outros apóstolos tomarão a mesma atitude à sua volta

Como se visse o Invisível  
*Sentido e respeito*  
Paulinas - 1980 - p. 100

## 27 ° dia - *A constância*

Seríamos imbecis se pronunciássemos as palavras do Senhor como vindas de Deus e se, esquecendo-as logo, nos deixássemos submergir no meio das dificuldades cotidianas (em nós e fora de nós), alinhando-as umas a seguir às outras como se fossem a última palavra.

“Tereis de sofrer no mundo. Mas tende coragem! Eu venci o mundo”, diz o Senhor (Jo 16, 33). O apóstolo é escolhido para ser testemunho da vitória do Senhor e esta vitória é certa, porque é de Deus: uma atitude de complexado e de vencido seria apropriada contradição da Palavra onipotente. O que em primeiro lugar lhe é pedido, e aquilo em que tudo o mais se deve radicar, é a constância da sua fé nesta vitória decisiva. Mais ainda, o apóstolo não espera da fé que lhe dê, *um dia*, a vitória: ela já é a vitória.

Como se visse o Invisível  
*A constância*  
Paulinas - 1980 - p. 106

## *28 º dia - O apostolado*

O Evangelho pode permanecer velado para os homens, mas o apóstolo sabe que mais não faz do que pregar o Senhor, Cristo Jesus; anuncia o Evangelho, não se prega a si mesmo. E a força apostólica, “esse tesouro do apostolado trazemo-lo (sempre) em vasos de argila, para que se veja bem que este poder extraordinário pertence a Deus e não vem de nós”. A formação do apóstolo deve comportar este sentimento dinâmico da sua fraqueza, esta força que resulta da humilde e, em definitivo, esta imitação do Magnificat da Santíssima Virgem.

Ao mesmo tempo que esta certeza de que Deus passa na medida em que o apóstolo se sente impotente, há uma outra certeza: o grão que morre dá frutos. A morte do apóstolo engendra a vida dos crentes. A fé em ação é esta certeza da morte que acaba na ressurreição.

Como se visse o Invisível  
*Estabelecer a missão*  
Paulinas - 1980 - p. 173

Muitos buscam Deus, mas tomam caminho oposto ao que a Ele conduz: como técnicos que constroem, reúnem material, traçam planos, verificam a viabilidade da obra. [...]

Quando se trata da caça de Deus, o método malogra sempre. A verdadeira procura de Deus assemelha-se muito mais à atitude do homem que, sentando-se, escuta. E isso é lógico, *porque Deus, em definitivo, não é algo a edificar ou realizar, é alguém a receber.*

E ao atender alguém, começa-se por assentar-se e ouvir.

Sentar-se, escutar, não é uma demissão, nem preguiça. Assim havemos de proceder se nos queremos deixar impregnar por alguma verdade demasiado grande para nós.

Procurei na escuridão  
*Confidências duma experiência vivida*  
Paulinas - 1971 - p. 7-8

Esta amplitude do apelo de Jesus, que não deixa de nos maravilhar e nos surpreende, por vezes, desprevenidos, tem a sua origem naquela participação real no enterro e na Ressurreição do Senhor, que constitui o batismo: somos enxertados vitalmente em Cristo, membros do seu corpo, presos a ele.

Todos os batizados devem, portanto, meditar na sua alma e na sua própria ação as condições para aderirem positivamente a Cristo: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16, 24).

Jesus indica-nos nitidamente o que nos espera e de que maneira podemos ser seus discípulos. Nada de maior nem de mais positivo nos pode ser proposto, porque a Cruz conduz à Ressurreição: mas nos é pedido, antecipadamente, que não só aceitamos esta cruz, mas que a reconheçamos como instrumento de trabalho próprio, por excelência, para construir o Reino de Jesus sobre a terra e no céu.

Como se visse o Invisível  
*Chamados do Senhor*  
Paulinas - 1980 - p. 120-121

## 31º dia - *Murmurações*

E nos dias de tentação, ou antes, nos dias em que fomos submetidos a provações por uma comunidade em que um membro de equipe nos arraste à murmuração, pensemos naquele pobre Moisés que, depois de uma vida de luta, não teve a felicidade de entrar pessoalmente na Terra Prometida e que teve de se contentar com olhá-la de longe, porque um dia, em Meriba, “no dia da tentação do deserto, os corações se endureceram e os nossos pais tentaram o Senhor, provaram-no mesmo depois de terem visto a sua obra”. Esse mesmo salmo invitatório de Matinas diz-nos qual é o fruto da murmuração no pensamento de Deus: “Eles não chegarão à minha quietude” (Sl 95).

Moisés e Aarão dão-nos a última palavra de tudo isso: ao povo que murmura contra eles, no deserto, dizem: “Nós, quem somos? Não é a nós, mas ao Senhor, que as vossas murmurações atingem” (Ex 16, 8).

Como se visse o Invisível

*Murmuração*

Paulinas - 1980 - p. 158-159

## *Oração para continuar a crer*

Há anos, Senhor, eu te procuro  
e minha vida se aproxima do fim.  
Dez anos, quinze, rápidos se foram.

Não que seja pessimista  
ou que divirta apavorando-me...  
Não que deseje abandonar a luta,  
sonhando com o descanso.

Não, não peço-te a graça  
de continuar avançando,  
como outrora, há vinte anos, ou há trinta,  
ou mesmo há cinqüenta...

Se penso na idade é porque ela acarreta  
consigo um acréscimo, aumento,  
nova provisão de fé.

Não que desapareçam as tentações,  
pois mesmo as que se tornam menos turbulentas,  
talvez tenham simplesmente mudado de forma:  
é possível fazer tolices em todas as idades.

Minha grande alegria, porém,  
consiste em descobrir que a fé simplifica-se  
com a idade.

Há muito tempo convivemos, meu Deus,

e nada mais belo que um velho casal  
no qual o amor não cessou de crescer.

[...]

Pois bem: assim a fé.

Com a idade torna-se mais consistente,  
mais robusta, embora menos ruidosa.

Mas quanto mais confiante se fez!

Invade cada canto da alma e do corpo,

Deus se torna cada vez mais Deus.

Cabe ela agora em quatro ou cinco palavras,  
um pouco mais, um pouco menos, conforme,  
e mesmo quando as começo a repetir,  
estão cheias de minha vida.

[...]

Quando, Senhor, aprenderei a amar?

Amar os que não retribuem,

amar os que somente nos causam dissabores,

amar os que não concordam conosco!

Numa palavra, “amar o próximo”,

- aquele que não escolhemos.

No entanto, em meio de tanta miséria

de minha vida,

somente a fé - se ousar dizê-lo é minha esperança!

Porque pesa com todo o peso maciço

das descobertas que fiz em ti,

ó meu Deus imenso e grande,

para fazer-me ver à tua luz esse “próximo”.

Vou tentá-lo mais uma vez,

e talvez um dia  
chegarei ao fim.

E se não for antes do dia de minha aposentadoria,  
nem mesmo, quem sabe, antes de minha morte,  
será sempre a fé que me resolverá o caso.

Porque tenho a fé em Jesus Cristo, que me amou,  
não me olhes, Pai, senão através dele, Jesus  
que vive e reina contigo,  
na unidade de teu espírito de amor,  
por toda a história do mundo.

Sim, creio.

Procurei na escuridão  
*Oração para continuar a crer*  
Paulinas - 1971 - p. 72-75

## Algumas datas da vida de Jacques Loew

- 1908 31 de agosto, nascimento de Jacques Loew, em Clermont-Ferrand (França).
- 1929 Advogado no Tribunal de Nice até sua entrada na Ordem Dominicana.
- 1932 Durante uma estada num sanatório da Suíça, encontra o Evangelho.
- 1939 Profissão solene e 29 de outubro: ordenação sacerdotal.
- 1941 Julho: em Marselha, Jacques Loew colabora com o Pe Lebret e René Moraux na fundação do movimento “Economia e humanismo”. Secretário da redação da revista, encontra Simone Weil.
- 1942 1º de janeiro: primeiro salário como estivador. Trava conhecimento com Madeleine Delbrêl. Outubro: experiência de uma vida comunitária evangélica e missionária.
- 1945 Na periferia de Marselha (Marseille) união entre paróquia e missão.
- 1947 Lei votada pelo Parlamento sobre o salário de garantia dos estivadores.

- 1954 2 de fevereiro Jacques Loew deixa seu trabalho de estivador, obedecendo ao pedido de Roma. O bispo autoriza o trabalho a domicílio permitindo viver de seu salário.
- 1955 Agosto: Ponto de partida da Missão Operária São Pedro e São Paulo (MOPP).
- 1956 Reconhecimento da MOPP pelo bispo de Aix-en-Provence, Dom Charles de Provenchères.
- 1960 Início em Tolosa (Toulouse) duma nova equipe.
- 1961 Início duma outra equipe no Saara (Argélia).
- 1963 Paulo e Pedro partem para o Brasil.
- 1964 19 de agosto: morte accidental de Paulo Xardel.  
13 de outubro: morte de Madeleine Delbrêl.
- 1965 28 de maio: Roma reconhece a MOPP com seus Estatutos.  
29 de junho: Dom Charles de Provenchères erige a MOPP em Instituto Apostólico de Direito Diocesano.  
30-31 de agosto: Primeira Assembléia da MOPP.
- 1968 Primeiras Comunidades Eclesiais de Base.

- 1969 : Abertura da Escola da Fé em Fribourgo (Fribourg - Suíça).
- 1970 Fundação de quatro equipes da MOPP em Montréal (Canadá); Tóquio (Japão); Tremblay (Periferia de Paris) e Salvador (Brasil).
- 1973 Michel Cuënot assume a responsabilidade da MOPP.
- 1981 Jacques Loew deixa a Escola da fé, substituído por Noel Abischer e Partilha a vida monástica em Citeaux, no Sul da França e por fim à Échourgnac.
- 1999 14 de fevereiro: Morte de Jacques Loew.

## ALGUNS TÓPICOS DA HISTÓRIA DA MOPP NO BRASIL

A história da MOPP no Brasil começou dia 4 de outubro de 1963 quando chegou à Vila Yolanda na cidade de Osasco (SP) uma equipe de quatro membros: Paulo Xardel, Pedro Wauthier, Carlos Tosar e Jacques Loew. Textos de Jacques Loew e Paulo Xardel narram este começo. Na realidade o verdadeiro começo é a morte de Paulo Xardel atropelado por um caminhão enquanto voltava do trabalho dia 18 de agosto de 1964.

O mesmo dia, Manu Retumba, um dominicano brasileiro que tinha feito um estágio na Cabucelle (Sul da França) visitava a equipe. Ele decidiu de tomar o lugar de Paulo na equipe, sem por isso ingressar na MOPP. Esta equipe continua até o ano de 1976. Passaram nesta equipe da Vila Yolanda: Carlos Tosa de 1963 até 1966, Pedro Wauthier de 1963 até 1968, Jacques Loew de 1963 até 1968, Manu Retumba de 1964 até 1976. Outros membros da MOPP e associados passaram nesta equipe: Pedro Eyroi de 1966 até 1968, Gaspard Neerinck de 1968 até 1973, Dominique Barbé de 1968 até 1973, João Maria Mazeran de 1974 até 1975. Michel Cuënot em 1968, Cláudio Briand em 1970, Jomar Vigneron em 1971, Manfred Pook em 1975...

No ano de 1970, Cláudio e João Maria iniciaram uma segunda equipe em Salvador (Bahia), em 1971 Jomar se juntou a eles. João ficará até 1973 e será substituído por Manfred. Jomar partirá em 1975 e será substituído por Gilles Kirouac. A equipe ficará em Salvador até 1983. Em 1978, num outro bairro de Salvador Manu e Jomar iniciaram outra equipe.

No ano de 1976, depois do encerramento da presença na Vila Yolanda, se formou um novo lugar de implantação no Jardim Veloso, sempre em Osasco, isso até 1982. João, Gaspard e Agostinho foram os primeiros equipistas, depois no ano de 1979 chegou Jomar.

No ano de 1982 esta equipe se mudou para o Jardim Belval na Cidade de Barueri, isso até 1989. Passaram nesta equipe Gilles e Francisco no ano de 1983 e vários outros como Giuseppe e Elias. No ano de 1988, Jomar e Gilles vão para o Canadá. No ano de 1989 Gaspard fecha a equipe e vai para Joinville (SC) com Giuseppe e Elias.

No ano de 1983, Cláudio inicia uma nova equipe em Contagem, periferia de Belo Horizonte até 1988 com Erlon e Agostinho; depois chegaram Juan em 1985, Giuseppe em 1987 e Elias em 1988. Ano de 1988 a equipe é fechada e todos vão para o Jardim Belval.

No ano de 1989, todos se reúnem em Joinville (SC). Durante 10 anos a MOPP continuou se trabalho de

evangelização. Durante este tempo Louis Roguet que estava no Japão chega para tornar-se formador em proximidade dos mais anciãos. Seis anos ele permaneceu.

No ano de 1995, primeiro de fevereiro Jomar que volta do Québec (Canadá) e Renato iniciam uma equipe no Bairro do Pinheirinho em Curitiba (PR). Sem demora Michel e Jean Carlos se juntam a eles e depois, ano de 1997 chegaram Fabiano Renaldi com Nudy e Gluck.

Ano de 2000, Cláudio vem substituir Michel; ele ficará até 2005. No ano de 2007, Jean Carlos volta de Fribourg (Suíça) e alguns meses depois é a vez de Fabiano e Elias.

Junho de 2009 Elias e Jean Carlos inicia uma nova equipe no bairro de Santa Rita (Tatuquara). Fevereiro de 2010 Fabiano e Jomar se juntaram a eles.

Atualmente - setembro de 2018 - Jean-Carlos é téc. em enfermagem num Lar de idosos, Fabiano é empregado do setor de produção numa gráfica industrial e Jomar é capelão de Irmãs Beneditinas. Cada um segundo suas capacidades cumpre seu papel de evangelizador.

Ano de 2017, no mesmo bairro abre-se a casa Samuel, para jovens adultos desejos de aprofundar e vivenciar a vida cristã.



## ÍNDICE DOS TEMAS

Apóstolo	20.34
Caminhos	6
Chamado	36
Comunhão	12
Constância	33
Equipe	10
Escadas	13
Escutar	4.35
Fé	5.7
Guia	11
Igreja	14
Instante	3
Intimidade	29
Maria	9.16.25
Missão	19.24
Murmurações	37
Oração	17-18.21.26-27.38-40
Ouvir	23
Pequeno	8
Pobreza	28
Próximo	32
Purificação	22
Reconversão	30
Retornar a Deus	31
Trindade	15